Capítulo XXII — Imitadores do bom Ladrão no Oriente e no Ocidente

> **Sumário.** História de Moisés, chefe de ladrões. Sua conversão. Seu apostolado junto aos ladrões. — Prende quatro. — Conversão deles. — Santidade deles. — Ele mesmo grande santo e célebre solitário. — História do comediante Gelasino. Convertido em Heliópolis. — Subitamente. — Em presença de todo o povo. — No cumprimento de uma paródia sacrílega. História semelhante do comediante Genésio. — Seu discurso a Diocleciano e aos grandes do império. — Mesma presteza e mesma eficácia da graça sobre as pecadoras. História da famosa cortesã de Antioquia.

Pronta como o relâmpago, eficaz como a água do batismo, a misericórdia, vindo à alma indigna, torna-a digna de Deus e cria com que recompensar onde só achara com que punir. Em prova desse consolador prodígio, lancemos os olhos sobre o ladrão cuja história vamos contar.[1]

Lê-se na *Crônica de Alexandria*, sob a data de 28 de agosto, por volta da época de santo Antão:

> *Nos desertos da Etiópia vivia um insigne bandoleiro, chamado Moisés. Tendo a graça feito desse novo Dimas um ilustre solitário e um dos santos mais amáveis dentre todos os santos da Tebaida, tornou-se o apóstolo dos ladrões que infestavam o país. Converteu grande número deles, que foram excelentes religiosos. Um dia, quatro desses malfeitores se reuniram para saquear a cela de Moisés, que não sabiam ter sido outrora chefe de ladrões. Mal tinham arrombado a porta, Moisés, forte como Sansão, toma-os como um feixe de palha, põe-nos sobre o pescoço, leva-os ao mosteiro e os joga por terra no meio dos religiosos reunidos.*

> *“Que ordenais — perguntam-lhe os irmãos — desses homens que vos atacaram?” Sem dúvida para expiar as injúrias que fizera aos outros, Moisés prometera a si mesmo nunca contristar ninguém e não pedir o castigo de quem quer que fosse. Nada respondeu. Os religiosos, pois, tiveram piedade desses ladrões e os deixaram em liberdade.*

> *De repente, sabendo que Moisés fora chefe de bando e que era agora um religioso exemplar, ficaram tão tocados da graça que pediram para ser recebidos no mosteiro. Esse favor lhes foi concedido e tornaram-se perfeitos religiosos. Para animar-se, tinham dito uns aos outros: “Se Moisés, que era tão forte e ocupava o primeiro lugar entre os ladrões, teme assim a Deus, por que ficaríamos mais tempo em nosso horrível gênero de vida, com o risco, se adiarmos um instante a conversão, de comprometer sem remédio o negócio de nossa salvação?”*[2]

Os ladrões repetiam à sua maneira a palavra de Nosso Senhor: *«De que aproveita ao homem ganhar todo o mundo, se vier a perder a sua alma?»* Essa palavra fez sobre eles a impressão salutar que produzirá sempre sobre todo homem razoável. Se o nosso século quisesse também dizê-lo a si mesmo, francamente, seriamente: de que paz gozaria e de que milagres seríamos testemunhas!

Deixemos as florestas e as montanhas, covis dos ladrões de estrada, sem prejuízo de a elas voltar logo: sigamos a misericórdia nas cidades e vejamo-la operar as mesmas conversões que nas solidões. A rapidez de sua ação parecer-nos-á, se possível, mais consoladora e mais miraculosa. Nos desertos, age sobre naturezas brutas e cruelmente malfazejas: mas elas não têm esse gênero de perversidade, produto de uma civilização corruptora, e que oferece demasiadas vezes aos melhores dardos da graça um peitoral à prova de tudo. Não é assim nas cidades e com os pecadores civilizados. O antropófago da Oceania é menos difícil de converter do que o ímpio e o libertino da Europa.

Entretanto a misericórdia *«assopra onde quer»*, e nada lhe resiste. Os comediantes Gelasino e Genésio nos oferecem dois exemplos memoráveis. Era sob a perseguição de Valeriano, na cidade de Heliópolis. Davam-se jogos ao povo. Todos os degraus do anfiteatro estavam guarnecidos de espectadores. Depois dos combates de homens e de animais, vêm os exercícios dos mimos e dos pantomimos: dançarinos lascivos, comediantes burlescos, destinados a excitar o riso grosso da multidão à custa dos cristãos. Na arena há uma ampla bacia cheia de água tépida. Chega a trupe, conduzindo em cerimônia Gelasino, um de seus artistas, vestido de longa túnica branca. Para escarnecer o batismo, atiram-no na bacia.

Gelasino mal está nela e já se levanta gritando, não por zombaria, mas muito seriamente: Sou cristão. Vi, no banho, um espetáculo cheio de formidável majestade: sou cristão. O povo, tomado de furor, precipita-se dos degraus para a arena, arrasta Gelasino para fora do anfiteatro e o mata

no mesmo lugar a pedradas. Sua túnica branca fica purpúrea de seu sangue e a sua alma voa ao céu, adornada com os lírios da inocência e as rosas do martírio. Os cristãos, a quem nenhum perigo intimida, recolhem as suas preciosas relíquias, levam-nas à aldeia onde nascera e constroem-lhe uma igreja.[3]

Uma conversão não menos súbita e talvez mais célebre, por causa da cidade onde se cumpriu e dos espectadores que dela foram testemunhas, deu-se sob Diocleciano. Paris possui neste momento a trupe imperial japonesa dos comediantes do Taicum.[4] Diocleciano, esse outro Taicum de Roma, tinha também a sua: quase todos os imperadores se parecem. Nessa trupe havia um histrião chamado Genésio. A história diz que se destacava em pintar os ridículos. Estando um dia Diocleciano no teatro, Genésio, que conhecia o ódio desse príncipe aos cristãos, julgou agradar-lhe representando em cena os mistérios de sua religião.

Apareceu, pois, deitado num leito.

> *Como estou doente, meus amigos — exclama com voz apagada! Vou morrer. Sinto no estômago um peso horroroso. Não se pode tirá-lo de mim e fazer-me mais leve?*

Os comediantes que estavam em torno do leito respondiam:

> *Que queres que te façam para te deixar mais leve? Somos carpinteiros ou marceneiros, e queres que te passem a plaina?*

Essas insossas bufonarias faziam rir o povo soberano.

> *Não entendeis nada — retoma Genésio —, não é isso o que peço. Como sei que o meu fim se aproxima, quero morrer cristão. — Por quê? — replicam os outros atores. — Para que Deus me receba em seu paraíso como desertor de vossos deuses.*

Finge-se, pois, ir buscar um sacerdote e um exorcista.

Os dois comediantes que representam esses personagens sagrados colocam-se à cabeceira do pretenso doente e lhe dizem: *«Que quereis de nós, meu filho, e por que nos chamastes?»* Mudado de súbito, como o bom Ladrão, por um efeito miraculoso da graça, Genésio responde, não mais por jogo e fingimento, mas muito seriamente e de todo o coração:

>

> *Mandei chamar-vos para receber, por vosso ministério, a graça de Jesus Cristo, a fim de que, tomando novo nascimento no santo batismo, seja purificado de todos os meus pecados.*

Acabam entretanto as cerimônias do batismo, vestem o neófito de uma túnica branca. Depois, soldados que se dizem enviados pelo prefeito de Roma apoderam-se dele, fingem maltratá-lo e levam-no ao imperador, que ria a bandeiras despregadas ao ver executar, de maneira tão natural, o que se passava ordinariamente nas cerimônias dos cristãos e na prisão dos mártires.

Para continuar o jogo, Diocleciano, fingindo estar muito colérico, pergunta a Genésio: *«É verdade que és cristão?»* Ao que Genésio responde nestes termos:

> *Senhor, e vós, grandes do império, oficiais da casa de César, cortesãos e cidadãos, estai atentos às minhas palavras. Eu tinha tal horror dos cristãos que o encontro com eles era sempre para mim um funesto presságio. O próprio nome deles me era tão odioso que estremecia só em ouvi-lo, e sentia extremo prazer em insultar, até no meio dos tormentos, os que davam a vida pela defesa desse nome. Os mistérios dos cristãos não me pareciam menos dignos de riso do que as suas pessoas de desprezo. Foi isso que me fez estudar com cuidado as suas cerimônias, para ridicularizá-las e divertir-vos à sua custa.*

> *Mas, coisa incrível para vós e demonstrada por mim! No momento em que a água tocou o meu corpo e em que, à pergunta se eu cria, respondi: Creio; naquele momento vi descer do céu uma tropa de anjos resplandecentes de luz, que me cercaram. Liam num livro todos os crimes que cometi desde a infância; depois mergulharam esse livro na água, onde eu ainda estava. Retiraram-no e mostraram-me as folhas brancas como a neve. César, e vós, romanos, que me escutais, vós que tantas vezes aplaudistes as profanações que fiz desses mistérios, deveis desde este momento reverenciá-los comigo e crer que Jesus Cristo é o verdadeiro Deus, a luz, a verdade, a própria bondade, pronto a perdoar-vos.*

Diocleciano, vendo que Genésio fala seriamente, entra em cólera verdadeiramente imperial. Manda quebrar-lhe vários bastões nas costas e o entrega a Plauciano, comandante da guarda pretoriana.

> *Sacrifica aos deuses — diz-lhe Plauciano. — Não sacrifico. — Que lhe dilacerem os flancos com unhas de ferro e o queimem com brasas.*

Durante a horrível tortura, Genésio não cessa de repetir:

> *Não há outro Deus senão o Deus dos cristãos. Ainda que me fizessem morrer mil vezes por ele, mil vezes morreria com alegria.*

Mal acabava essa nobre profissão de fé, Plauciano lhe mandou cortar a cabeça. Era a 25 de agosto do ano 286, em presença de todo o povo da grande Roma.[5]

Creio de bom grado, dizia Pascal, nas testemunhas que se deixam degolar. Prova retumbante de nossa fé, a conversão de Genésio é sobretudo um testemunho autêntico dessa misericórdia que mergulha até o fundo do abismo para buscar o pecador e da rapidez com que o retira dele.

Já que estamos no teatro, não desçamos dele antes de contemplar outra maravilha. Assistir a esses golpes de Estado pelos quais o Deus de toda bondade arranca subitamente ao demônio as suas melhores vítimas, no próprio lugar onde as imola: haverá algo mais doce ao coração? Se alguma coisa fosse difícil a Deus, a conversão que vamos referir pareceria oferecer, pelo número das iniquidades, um obstáculo excepcional à ação da misericórdia. Escutemos o eloquente narrador desse fato, que teve por testemunhas os cem mil habitantes de Antioquia.

> *Que ninguém — diz são João Crisóstomo —, ainda que tenha caído no mais profundo do abismo do vício, desespere de sua conversão; pois é fácil sair do abismo da iniquidade. Não ouvistes falar dessa cortesã que superava todas as outras pelos desregramentos de sua conduta e que superou todo o mundo pelo ardor de sua piedade? Não falo da que se menciona nos Evangelhos, mas da fenícia que, em nosso tempo, levou o escândalo aos seus últimos limites.*

> *Essa cortesã estava aqui e ocupava o primeiro lugar no palco. Seu nome estava em todas as bocas, não só em Antioquia, mas até na Cilícia e na Capadócia. Esgotou a fortuna de grande número de homens e despojou muitos filhos de família. Corria o rumor de que se servia, não só de sua beleza, mas de práticas demoníacas para armar as suas redes. Nelas apanhou o próprio irmão da Imperatriz; pois o poder de sua sedução era uma verdadeira tirania.*

> *Mas eis que de repente, não sei como, ou antes sei muito bem, vê-se completamente mudada. A graça de Deus a visita, despreza tudo, renuncia a todos os seus diabólicos atrativos e toma o caminho do céu. Embora nada houvesse de mais impuro do que ela quando aparecia em cena, superou*

> *contudo todas as outras por sua castidade, revestida de um cilício que não largava nem de dia nem de noite. Por instigação de alguns, o prefeito quis levá-la de novo ao palco. Os soldados armados que enviou para buscá-la nunca puderam constrangê-la a isso, nem arrancá-la do meio das virgens que a tinham recebido.*

> *Admitida aos santos mistérios, entregou-se seriamente à prática de todas as virtudes e morreu depois de ter purificado a sua alma de toda mancha, dando, desde o seu batismo, todas as marcas de alta santidade. Nunca quis olhar para aqueles que amara criminosamente e que vinham vê-la. Encerrou-se numa cela, onde passou longos anos como numa prisão. É assim que os últimos serão os primeiros, e os primeiros os últimos. Tenhamos nós mesmos essa generosa coragem, e nada impede que nos tornemos grandes, admiráveis cristãos.*[6]

Possa esse exemplo, se passar sob os olhos de algumas de nossas fenícias, falar-lhes ao coração e fazer sair dele esta palavra de milagres: E eu também quero converter-me! Por que não poderia eu fazer o que fizeram as minhas semelhantes? A mim, como a elas, a misericórdia abre os seus braços: lançar-me neles é salvar-me.

Notas

[1] *In indignam mentem veniens Deus, dignam sibi exhibet veniendo, et facit in ea meritum quod remuneret, qui hoc solum invenerat quod puniret. Libet inter hæc mentis oculos ad illum latronem reducere*, etc. («Vindo Deus a uma mente indigna, ao vir apresenta-a digna de si e faz nela um mérito que remunere, ele que só achara o que punir. Apraz, entre estas coisas, reconduzir os olhos da mente àquele ladrão», etc.) S. Gregório, *Moral.*, liv. XVIII, cap. XXIV.

[2] Ver também Paládio, *Hist. Laus.* Vida de santo Arsênio.

[3] *Chronic. Alexand.*, ano 269.

[4] N. do T.: *Taïcoun* (taicum) era o título dado ao xógum, soberano de fato do Japão; Gaume alude a uma trupe japonesa que então se exibia em Paris (c. 1867).

[5] Dom Ruinart, *Atos dos mártires*, t. I, 384.

[6] *In Matth.* homil. LXVII, *Opp.*, t. VII, p. 750, n.º 3.

Revision #1
Created 25 November 2026 00:40:19 by Admin
Updated 25 November 2026 00:40:20 by Admin